



**OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE DENTRO DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**
**THE CHALLENGES OF TEACHING PRACTICE WITHIN YOUTH ANADULT
EDUCATION**

Adrielle Cristina da Silva Porto

Giovanna Dória Ribeiro

Graduandas do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São Jose.

Vera Lucia Rodrigues de Souza

Doutorando em Educação na University Americana

RESUMO

Este trabalho trata-se de estudos na modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos sobre as dificuldades encontradas pelos docentes ao lecionar em sala com jovens e adultos. Desse modo, por meio de uma pesquisa de revisão bibliográfica, e resultados mediante pesquisa de campo pretender-se investigar e propor soluções para a melhoria da prática docente tendo em vista que a EJA proporciona oportunidades para a melhoria de qualidade de vida para os alunos matriculados, sob essa ótica a pesquisa traz também a temática de inclusão dentro da EJA visto que a EJA é um direito para todos, sem distinção de raça, gênero, religiosidade ou orientação sexual uma vez que essa temática é tão pouco abordada nas pesquisas e tem uma suma importância para tal modalidade apontando filósofos e pesquisadores atuais para a conclusão dessa pesquisa.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Desafios e Pesquisa.

ABSTRACT

This work deals with studies in the teaching modality of Youth and Adult Education on the difficulties encountered by teachers when teaching in a classroom with young people and adults. Thus, through a bibliographical review research, and results through field research, we intend to investigate and propose solutions for improving teaching practice, considering that EJA provides opportunities to improve the quality of life for enrolled students. , from this perspective, the research also brings the theme of inclusion within EJA since EJA is a right for everyone, without distinction of race, gender, religiosity or sexual orientation since this topic is so little addressed in research and has a paramount importance for this modality. pointing out current philosophers and researchers of this research

Keywords: Youth and Adult Education, Challenges and Research.

INTRODUÇÃO:

A EJA (educação de jovens e adultos) é uma modalidade de ensino destinado a jovens e adultos que não tiveram acesso ou que por algum motivo não puderam concluir o ensino na idade apropriada. sendo assim ela compõe a educação básica, os alunos advém de classes sociais distintas, possuem características peculiares que os diferem dos demais, precisando de oportunidades de desenvolvimento conforme as capacidades e competências, exigindo da escola um posicionamento crítico na aquisição proposta para a finalidade do ensino.

Os resultados sugerem a relevância da existência de políticas públicas e educacionais eficazes com oportunidades múltiplas em efetiva educação a todos que estão à margem do saber, reduzindo o índice de analfabetismo, enfim, é preciso haver maior investimento em relação a esta etapa educacional, aos métodos utilizados na alfabetização e na visão dos alfabetizadores no desempenho educacional.

Sendo assim, surgiu o interesse na elaboração dessa presente pesquisa surgiu após um estágio que teve a duração de 7 meses realizado no município do Rio de

Janeiro realizado pela aluna Giovanna Dória nos períodos finais de sua graduação em pedagogia e a curiosidade da temática abordada pela Adrielle Cristina da Silva Porto.

No executar das contribuições em sala de aula com a turma, percebeu-se o quão inúmeros eram os obstáculos a serem superados nessa modalidade. Baseando-se em conhecimentos já adquiridos na unidade curricular Fundamentos Metodológicos da Educação de Jovens e Adultos juntamente com o efeito da vivência encantadoras nessa modalidade, que foram de grande valia para observar as dificuldades enfrentadas pelos docentes.

Contudo, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar as dificuldades da prática docente dentro da Educação de Jovens e Adultos, tentando compreender a realidade da EJA nas escolas municipais do Rio de Janeiro, identificar a metodologia significativa e principalmente propor melhorias para a prática docente dentro da EJA.

Este trabalho trata de uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativa com base em uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, de vários autores da área, os quais abordam o tema em questão, e os mesmos forneceram subsídios teóricos bastante significativos para a fundamentação da temática em questão e também por meio de uma pesquisa de campo na: Escola Municipal Padre Paulo Correia de Sá, onde foram realizadas observações nas salas de aulas e também através de uma entrevista, por meio de questionários para a professora que trabalham no EJA, dessa instituição de ensino com uma aluna incluída.

Principal enfoque desse estudo é apontar as dificuldades específicas que exigem do professor uma série de competências e habilidades que muitas vezes não são encontradas na prática docente dentro da EJA, no estudo terão propostas de estratégias para melhoria para desse exercício.

Após alguns estudos, foi observado que o corpo docente não tem a estrutura necessária e investimentos para fazer um trabalho com excelência pois é uma modalidade muitas vezes negligenciada pelas políticas públicas e a sociedade, uma vez que no Brasil aproximadamente 10 milhões de pessoas são analfabetas e apenas 3 milhões são matriculados no projeto da EJA. A pesquisa contribuirá para mostrar a realidade encontrada na EJA e propor soluções que podem ser aplicadas na prática que irá beneficiar tanto o corpo docente como os alunos matriculados.

Sendo assim, observamos nessa pesquisa uma narrativa crítico-reflexiva acerca de alguns desafios observados e enfrentados durante a prática educativa na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos e mostrar propostas de como melhorar a qualidade de ensino para esse segmento e trazendo uma reflexão dos pensamentos e Paulo Freire para esse projeto, conscientizar a população sobre a importância desse projeto utilizando a metodologia empregada na escrita deste relato de experiência com base na narrativa em seu viés descritivo e reflexivo das experiências realizadas.

Nesse processo Paulo Freire teve uma grande importância para o trabalho docente, assim como, a importância da aplicabilidade de sua metodologia no fazer pedagógico do educador, somando desta maneira positivamente para as mudanças e transformações que se faz necessário a prática educativa dos educadores de jovens e adultos.

Para a construção do embasamento teórico, destaca-se também os trabalhos de autores como: Miguel Arroyo, Sérgio Haddad e Maria Clara Di Pierro e Paulo Freire que são figuras da atualidade nessa modalidade Nesta introdução, apresentou-se o problema da pesquisa, objetivos e justificativas para o embasamento dessa pesquisa Para o desenvolvimento deste artigo, buscou-se compreender as práticas que são usadas na EJA e as dificuldades que os docentes encontram no momento de abordarem em sala de aula.

Sua imagem constituindo-se como um profissional, cuja crença é marcada pela busca de caminhos para transformar a sociedade e tem demonstrado que não é suficiente fazer a análise e a crítica, mas buscar caminhos de intervenção, preferencialmente coletivos, envolvendo cada vez mais e mais pessoas, mesmo quando isto ocorre em uma época em que a coletividade e a justiça social não são respeitadas, tal como acontecia no período da repressão dos direitos individuais, aqui no Brasil.

Paulo Freire é um autor de grandes obras como pedagogia do oprimido, pedagogia da esperança, pedagogia da autonomia, política e educação também conhecido pelo seu método inovador de Alfabetização que foi adotada pela primeira vez no Rio Grande do Norte em um projeto chamado Quarenta horas de Angicos que

alfabetizou 300 trabalhadores agrícolas sendo assim uma da maior figura inspiradora na Educação de Jovens e Adultos

Contudo, nessa modalidade o ensino e a aprendizagem precisam fazer sentido na vida dos alunos envolvidos, por isso, deslocar as práticas de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita das ações que realizam no seu cotidiano, dificulta o processo de socialização do saber construído na sala de aula.

Outra obra que fundamenta teoricamente esta pesquisa, será a obra “Formação e práticas na educação de jovens e adultos.” (2017), do autor Roberto Catelli Junior que aborda a defesa da modalidade que dará direção aos direitos humanos aos seus sujeitos, pessoas jovens e adultas que, em geral, estão excluídas, não apenas de processos de escolarização, mas de toda uma série de direitos sociais.

Maria Clara Di Pierro e Sérgio Haddad fizeram uma pesquisa apontando a linha histórica até a criação da eja, o professor de Economia Sérgio Haddad assumiu a direção do então curso supletivo de 1º e 2º graus, que acabara de ser criado no Colégio Santa Cruz, na capital paulista - até hoje, referência por oferecer um ensino gratuito de qualidade a quem não teve a oportunidade de estudar.

Mesmo após deixar o cargo, em 1989, Haddad nunca se afastou da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tema que estuda até hoje. E formado também em Pedagogia, ele é assessor da organização não governamental Ação Educativa, diretor-presidente da Fundação Fundo Brasil de Direitos Humanos e membro do Conselho Internacional de Educação de Adultos (Icae), ambos em São Paulo, e do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), em Brasília . Atualmente seu nome é muito citado pela qualidade de ensino ofertada pela EJA e de forma gratuita.

Ainda acrescentam que no período da República brasileira, a constituição de 1891 descentralizou a responsabilidade pública pelo ensino básico, sendo a responsabilidade desses, delegada às províncias e municípios, o que, mais uma vez, cooperou para privilegiar a formação das elites e relegar a formação das camadas populares.

A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, amplia-se o dever do Estado com a EJA e pela exclusão a que foi submetida no passado, contudo, na

atualidade, busca-se reparar o atraso de várias décadas, pois a EJA é uma modalidade de ensino destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade apropriada

Compreender a realidade da Educação de Jovens e Adultos

A modalidade de Educação de jovens e adultos surgiu efetivamente com a promulgação da Constituição Federal de 1988. Nos tempos que o antecederam já haviam iniciativas de alguns docentes para alfabetizar grupos de trabalhadores com analfabetismos, porém somente a Constituição de 1988 estabeleceu a EJA como um direito constitucional.

A Constituição estabelece que a EJA é um direito do cidadão e um dever do Estado. Além de tornar o ensino fundamental obrigatório para todos, também estabeleceu a EJA como uma modalidade de ensino que deveria ser oferecida para aqueles que não a completaram na idade apropriada. Nesse ano foi um grande marco histórico, pois representou um grande avanço na promoção da EJA no Brasil.

Os artigos 205 e 208 da Constituição Federal de 1988, apresentam o direito do cidadão brasileiro à educação de qualidade e obedecendo às suas especificidades, estas podem estar relacionadas à idade, convicções ou à situação social, e de forma gratuita.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 208. [...] assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Inciso com redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) [...] (grifos nossos) (BRASIL, 1988);

Em 1996 foi criada a Lei 9.394/96 conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que veio reforçando o compromisso do Estado com a Educação de Jovens e Adultos e também estabeleceu diretrizes para sua implementação. A LDB enfatiza a necessidade de programas da EJA de qualidade,

a igualdade de oportunidades educacionais e a eliminação do analfabetismo no Brasil. Sendo esse direito assegurado pelo Artigo 4º que diz:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: [...] IV - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e Médio para todos os que não os concluíram na idade própria; [...] VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; VII – oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola; [...] (grifos nossos) (BRASIL/ LDBEN 9.394/96).

Ao longo do tempo, o governo criou vários programas e políticas para fortalecer a EJA como por exemplo o Programa Brasil Alfabetizado, o Plano Nacional de Educação (PNE) e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), que visa à qualificação profissional de jovens e adultos.

Apesar dos avanços, a EJA no Brasil ainda enfrenta desafios significativos, como a garantia de qualidade do ensino, a redução do analfabetismo a inclusão de classe marginalizadas pois o analfabetismo entre os cidadãos acima de 15 anos continua alto, principalmente nos estados do Nordeste segundo pesquisas do IBGE apontam (BRASIL/IBGE, 2017, p. 1), justificando a “dívida social” que o Estado tem para com a população mais carentes, pois há a necessidade de qualificação da população com os conhecimentos básicos, além de conhecimentos específicos de cada profissão para entrar no mercado de trabalho.

Muitos desses estudantes da EJA encontram dificuldades para comparecer a escola pois há uma grande distância entre a casa e a escola, falta de tempo devido a compromissos de trabalho e familiares, falta de estrutura e recursos adequados nas escolas que são bastante limitados.

Além das dificuldades de acesso e permanência na escola, os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens. Isso implica em dizer que as escolas têm se apresentado como instituições pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extra-escolar (CARRANO, 2009, p. 6).

Atuando-se na Educação de Jovens e Adultos (EJA), “pode-se perceber, hoje, a heterogeneidade do alunado presente na sala de aula. São homens e mulheres, jovens e adultos, negros e brancos, empregados e desempregados ou pessoas em busca do primeiro emprego e pessoas deficientes, em sua maioria moradores de comunidades periféricas dos grandes centros urbanos e em busca da escolaridade como possibilidade para melhoria da sua condição sócio econômica e cultural” (SILVA, 2009, p.62).

O cenário atual nos propõe uma configuração minimamente diferente do que se apresentava no início da implementação. Haddad (2015) já sinalizava para a mudança no perfil do aluno da EJA, que vem se configurando ao longo dos anos com a presença de alunos jovens. Assim, as escolas que oferecem essa modalidade de ensino procuram atender a alunos que retornam em busca da escolaridade na perspectiva de melhores condições de vida. Com isso, inicialmente, percebemos que a juvenilização representa um fenômeno resultante dos processos de insucesso escolar, o qual vem preocupando ao descaracterizar o formato originalmente proposto para a EJA.

Diante desse cenário, entende-se ser importante a configuração de novas práticas pedagógicas que atendam às proposições oriundas das transformações sofridas pela EJA, que vivencia o surgimento de um novo perfil de aluno – vindo em busca da escolarização, do resgate social quando preterido pela escola regular, que não lhe deu oportunidade de condições legítimas de direito, no tempo idade/série – carente de acolhimento e de compreensão, excluído daquele espaço educativo.

Haddad (2007), citado no livro “Afetividade e letramento na EJA” de Sérgio Antônio da Silva Leite, ainda lembra que a educação continuada deve ser construída através do diálogo entre educador e educando, deve ser crítica com relação aos conteúdos, reveladora da realidade, abordar temas universais e nacionais, mas relacionados com a cultura regional; enfim, deve ser uma educação voltada para a prática, sem desconsiderar os aspectos teóricos.

Nessa lógica, pensar na concretização de metodologias e de práticas pedagógicas que assegurem a permanência de jovens e de adolescentes na escola regular, faz-se necessário para garantir a permanência, o desenvolvimento pedagógico e a formação cidadã. Da mesma forma, entende-se ser necessário repensar também as práticas pedagógicas na EJA após a migração de adolescentes

e de jovens, que formam um grupo heterogêneo de sujeitos que se juntam aos adultos e aos idosos nas salas de aula da EJA, distanciados por idades, por experiências e por perspectivas de vida muito distintas e singulares.

Esse novo perfil de alunos muito jovens pressiona os indicadores da não permanência nas escolas da EJA e tem aguçado uma certa preocupação por estarem na convivência de pessoas com maior idade e mais experiência de vida, gerando uma necessidade latente de práticas pedagógicas que agreguem valores e contemplem a variação etária vivida na sala de aula. Por isso, acautelamos a necessidade de acompanhar os conflitos, promover a compreensão e o respeito aos saberes, valorizar a trajetória social, histórica e cultural de cada aluno, de forma a contribuir para que tanto o mais jovem quanto o mais adulto não percam o estímulo e desanimem diante das dificuldades e dos obstáculos encontrados nos processos de retorno à escola. Dessa forma, tanto educando como educadores serão responsáveis pelos processos educativos, tendo na atividade pedagógica um referencial, pois:

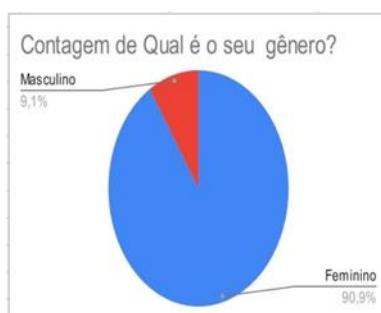
[...] a educação é um ato inacabado haja vista que somos seres inconclusos e, constantemente, estamos ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Só ensina e aprende quem está aberto ao outro e, conseqüentemente, ao diálogo; e não por haver diálogo pautado na superioridade de um sobre o outro [...] (LOPES; AMORIM, 2018, p. 108).

Com essa nova realidade que se apresenta na formatação do EJA, torna-se necessário repensar algumas estratégias e práticas pedagógicas que sejam verdadeiramente significativas para os alunos inseridos nesse contexto.

A partir dos resultados apresentados na pesquisa de campo, é possível inferir que as mulheres pesquisadas pertencem à classe popular brasileira, e que, por meio da EJA, dentre outros objetivos, elas buscam a melhoria de suas condições de vida. Percebemos, assim, a importância de conhecer a vida dessas estudantes e suas experiências existenciais, revelando a necessidade de uma mudança por parte das práticas escolares com vistas a uma proposta mais humanizadora, de valorização e de reconhecimento de suas necessidades reais.

Na pesquisa feita com os discentes foi observado que a maior parte dos estudantes Matriculados na EJA são mulheres pois a situação familiar (principal motivo de abandono dos estudos) envolveu várias atividades ocupadas por elas, a exemplo de afazeres domésticos e cuidados com filhos, pais, irmãos. Na questão do

trabalho (segundo principal motivo), os principais impedimentos para a continuidade dos estudos envolveram distância e falta de flexibilidade de horários.



Identificar a metodologia significativa no EJA

A Educação de Jovens e Adultos tem um comprometimento com o cenário de desigualdades sociais. Muitos dos alunos sentem-se culpados pelo seu fracasso escolar, e conseqüentemente profissional afetando diretamente sua autoestima quando na realidade são diversos fatores determinantes para que o aluno deixe a escola cometendo assim a evasão escolar. Tomando como base essas dificuldades, a EJA busca contextualizar os conteúdos trabalhados em sala de aula para sua realidade atribuindo suas dificuldades e limitações. Tendo em vista, uma educação para a cidadania, e estes dois aspectos: direito e cidadania, são direitos imprescindíveis à condição humana sendo assim suas conseqüências, sejam elas positivas ou negativas, são entendidas como o reflexo social de um povo e de um país.

... desde muito pequeno aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e escrever palavras e frases, já estamos "lendo", bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. (FREIRE, 1993, p.71).

Paulo Freire falava que o ensino "se reduz ao ato mecânico de "depositar" palavras, sílabas e letras nos alfabetizando" (FREIRE, 1976, p.13). Após a criação de sua abordagem pedagógica, conhecida como "pedagogia do oprimido", teve um impacto significativo na EJA e na educação em geral. Sendo ele uma figura muito

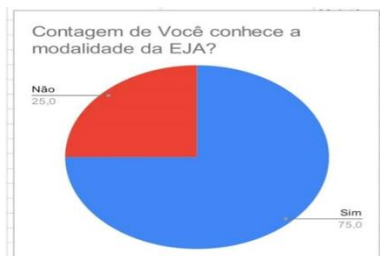
importante para a Educação de jovens e adultos pois trouxe sua abordagem pedagógica baseada no diálogo e na conscientização. Ele acreditava que a educação deveria ser libertadora e empoderadora, ajudando os estudantes a entender e superar seus problemas que conseqüentemente limitam seu potencial. Sua pedagogia enfatiza a importância da participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem. Como sugere no seu livro "Pedagogia da autonomia", Paulo Freire traz à reflexão a postura do educador diante dos educandos, ratificando, mais uma vez, a importância da formação de um cidadão crítico e, verdadeiramente, reflexivo na sua fala "o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão." (FREIRE, 2022, p. 21)

Tendo em vista esse pensamento de usar a educação como uma forma empoderar as pessoas ele criou a alfabetização popular sendo um dos maiores defensor da alfabetização de adultos especialmente aquelas marginalizadas e oprimidas. Sua abordagem de alfabetização, conhecida como "método Paulo Freire", enfatiza o aprendizado a partir das palavras e temas do cotidiano dos estudantes, tornando o processo de alfabetização relevante para suas vidas.

A metodologia utilizada por Paulo Freire teve influência global e foi adotada em contextos de EJA em todo o mundo. Seu trabalho inspira educadores até hoje nos dias atuais utilizando o diálogo como uma ferramenta fundamental. Em sala de aula, o diálogo entre professores e alunos é essencial para promover a reflexão crítica e a aprendizagem colaborativa. Ele via o professor como um facilitador do processo de aprendizado, em vez de um mero transmissor de conhecimento.

Segundo o censo escolar de 2022 produzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) indica que a Educação de Jovens e Adultos recebe alunos provenientes do ensino regular. De 2019 para 2020, aproximadamente 230 mil alunos dos anos finais do ensino fundamental e 160 mil do ensino médio migraram para a EJA. São alunos com histórico de retenção e que buscam meios para conclusão dos ensinos básicos. Após a pesquisa obtemos o resultado que nem todos os estudantes que fazem parte da EJA entende sua metodologia.

Percebe-se que durante a pesquisa de campo alguns estudantes não conheciam a modalidade da EJA a qual estão matriculados e tão pouco os direitos que eles têm como estudante.



O Encceja tem se firmado como uma alternativa para obtenção de certificação do Ensino Fundamental e do Ensino Médio pois é uma prova que serve para medir o conhecimento e as habilidades de estudantes que não concluíram o ensino fundamental ou o ensino médio na idade considerada apropriada para cada etapa do ensino. Se o estudante faz a prova do Encceja e alcança a nota mínima exigida pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), pode obter os certificados de conclusão do ensino fundamental ou do ensino médio.

Sendo assim, em 2019 o Encceja teve um número recorde de 3 milhões de inscritos. Nas edições de 2020 e 2022 o número de inscritos foi respectivamente de 1,7 e 1,6 milhão (em 2021 não houve aplicação devido à pandemia). Segundo dados da secretaria Municipal do Estado de São Paulo obteve mais de 100 mil concluintes, outros 330 mil alunos cursam a modalidade, que se destina a maiores de 16 anos para Ensino Fundamental e maiores de 18 anos para Ensino Médio.

Sabemos que os motivos pelo qual o aluno jovem, adulto ou idoso volta à sala de aula são bastante diversificados, como necessidade por parte do trabalho, vontade de aprender a ler e escrever, adquirir mais conhecimento, dificuldades de interagir com as pessoas, ter o diploma do curso em si sem nenhuma perspectiva de futuro etc. Em alguns casos, as pessoas já idosas voltam a estudar quando veem seus netos fazendo a lição de casa e pedindo ajuda na hora da realização e isso faz com que elas se sintam “inferiores”, sem condições de ajudar e, por isso, voltam à escola como uma obrigação.

Na maioria dos casos, permanecem por querer chegar mais além, aprender não só a ensinar a lição de casa para o neto, mas para conseguir vencer na vida independente da idade. Conforme Cardoso e Ferreira (2012, p. 73):

A educação é o meio mais importante e até mesmo o mais acessível para se conseguir trabalho e reconhecimento na sociedade. E que apesar das dificuldades passadas e presentes, os alunos ainda veem a escola com olhar de esperança. Esperança de conseguir um “emprego melhor”, ou até mesmo de conseguir o “primeiro emprego” e, assim, poder ter melhores condições de vida.

A EJA é muito mais que uma mera alfabetização que ensina a ler e escrever. Conforme Freire (2002, p. 58), “aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem”. É preciso desenvolver nos alunos da EJA competências e habilidades que façam com que esses alunos construam um conhecimento crítico, fazer com que eles aprendam não só a ler e escrever um livro, mas que sejam capazes de ler o mundo, tomando conhecimento e consciência dos seus direitos e deveres. É preciso preparar para o mercado de trabalho, pois, como afirma Ireland (apud SATO, 2013, s/p):

A alfabetização é uma parte fundamental, mas não é a única. No Brasil, a EJA tem sido associada à escolaridade compensatória para pessoas que não conseguiram ir para a escola quando crianças, o que é um erro. A UNESCO trabalha com o conceito dos quatro pilares, surgido do desafio apresentado por um mundo em rápida transformação: precisamos aprender a ser, a viver juntos a fazer e a conhecer.

O aluno da EJA já vai para a escola com uma bagagem de conhecimento muito grande e muitas vezes são bloqueados pelo professor. É preciso que o professor da EJA abra espaço, no primeiro momento, para que esses alunos que chegam à escola possam falar dos seus conhecimentos prévios e do que eles esperam aprender naquela sala de aula, uma vez que esses alunos já chegam cansados de um dia inteiro de trabalho à escola. Conforme Lopes e Sousa (2012, p. 11), “educador e educandos devem caminhar juntos, interagindo durante todo o processo de alfabetização. É importante que o adulto alfabetizando compreenda o que está sendo ensinado e que saiba aplicar em sua vida o conteúdo aprendido na escola”.

Para isso, é preciso que o professor leve em consideração os conhecimentos adquiridos pelos alunos no dia a dia, no seu trabalho, em casa, nas ruas etc. O professor deve procurar conhecer seu aluno e mostrar para ele que está ali para trabalhar junto, que não vai só ensinar, mas também aprender com as suas experiências. É preciso trazer o mundo dos alunos para dentro da sala de aula

mesmo sabendo que é difícil, pois cada aluno tem uma história de vida diferente, mas para que a EJA aconteça de fato, sem tanta evasão, é preciso mostrar para o aluno que ele é importante para a sociedade.

Sobre isso, as autoras Lopes e Sousa (2012), em seu artigo “EJA: uma educação possível ou mera utopia”, vêm nos relatar que o alfabetizador deve conhecer o grupo com o qual vai trabalhar antes de iniciar as atividades de ensino e esse conhecimento pode ocorrer através do cadastro dos alunos e pelo diagnóstico inicial para, então, a partir daí, planejar suas aulas, suas atividades e, assim, tornar o processo de alfabetização mais participativo e democrático.

Todo ser humano tem direito à educação de qualidade que vise o crescimento do indivíduo, pois vivemos em constante e eterno aprendizado, já que se aprende com um amigo, na rua, em uma conversa informal, isto é, tudo gira em torno do aprender. A EJA nos mostra que esse aprender mesmo que não seja no tempo correto, ou seja, na idade destinada pelas políticas públicas, serve como ponto de partida para inserir esse indivíduo novamente na sociedade. De acordo com Paiva (1973, p. 16), “a educação de Jovens e Adultos é toda educação destinada aqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários”.

Segundo Lopes e Sousa (2012, p. 12), “o professor que vai atuar com jovens e adultos deve ter uma formação especial, que lhe permita compreender os anseios e necessidades dessas pessoas tão especiais, além de saber lidar com os sentimentos dela”. O educador deve compreender o seu papel dentro de uma sala de aula da EJA, pois, além de ensinar a ler e escrever, resgata esse aluno para compreender a sua realidade e para uma nova visão de mundo com perspectivas para um futuro de qualidade. O professor também deve estar atento para os conteúdos aplicados na EJA, deve atender à pluralidade desse público, deve incluir suas vivências já adquiridas, sua realidade, pois, para trabalhar com jovens e adultos, deve ser implantado uma nova consciência metodológica.

Diante disso, considera-se que se percebe que a modalidade é composta por um alunado misto, cujo perfil se distingue em relação à idade, expectativas e comportamento. Trata-se de um jovem ou de um adulto que, historicamente, sofreu

a exclusão, seja ela pela possibilidade de acesso à escolarização, pela isenção da educação regular ou mesmo por ter que trabalhar.

A Educação de Jovens e Adultos é um campo de práticas e reflexão que, inevitavelmente, transborda os limites da escolarização em sentido restrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando à qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, à formação política e muitas outras questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar.

Quando um jovem ou um adulto procura uma escola que ofereça a EJA, está em busca de um alimento para fortalecer sua própria autoestima e suas possibilidades de interagir num mundo que transforme sua vida, desejos de conhecimentos, necessidades de mudanças e crescimento, pois a educação possibilita ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, com vistas a um nível técnico e profissional mais qualificado.

A EJA, então, representa uma possibilidade que pode contribuir para efetivar um caminho e desenvolvimento das pessoas de todas as idades. Planejar esse processo é uma grande responsabilidade social e educacional, cabendo ao professor, no seu papel de mediar o conhecimento, ter uma base sólida de formação. Os alunos jovens e adultos já possuem uma bagagem de conhecimentos e, quando voltam à escola, desejam obter novas informações e conceitos que se relacionem com aqueles já existentes em sua estrutura cognitiva, tornando a nova aprendizagem significativa. Por isso, na EJA, é imprescindível levar em consideração a experiência de vida dos alunos.

Melhorias para a prática docente no EJA

A escola é, sem dúvida, um dos alicerces mais importantes na vida dos alunos, pois trabalha não só o conhecimento pedagógico, mas esse aluno para que possa compreender a vida fora da sala de aula. Os alunos buscam não só o conhecimento para o sustento profissional, mas um conhecimento que possa levá-los à realidade em que estão inseridos e quem sabe mudá-la.

O professor é peça fundamental no complemento do aprendizado, já que é ele quem prepara o indivíduo para ser inserido na sociedade com possibilidades de interação e transformação no mundo atual.

Os professores são peças importantes nesse processo de (re) significação da educação na vida dos alunos. É necessário que os professores abordem questões relativas ao trabalho e suas diversas formas; que pensem num currículo que atenda essas necessidades, perceptíveis nos alunos ao retornarem a escola (CARDOSO; FERREIRA, 2012, p. 70).

O professor deve ser um mediador dos novos conhecimentos de modo que contribua para que o alunado seja capaz de acompanhar as facilidades que a evolução possibilita. A falta de formação do docente com qualificação necessária para compreender e atender as reais necessidades é um dos fatores para permanência ou não desse aluno em sala da EJA, pois é inadmissível que os professores utilizem dos mesmos métodos das chamadas classes regulares, tendo em vista que é preciso ter consciência de que o aluno da EJA possui características diferenciadas dos demais já que chegam à escola com uma bagagem de conhecimento pré-definida e isso deve ser valorizado ao máximo. A CONFINTEA V (p. 39) deixa claro que “A alfabetização deveria abrir o caminho de uma participação ampliada na vida social, cultural, política e econômica. É imperioso que ela seja conectada com a situação socioeconômica e cultural de cada um”. É preciso levar em consideração a condição social, cultural e étnica de cada indivíduo, respeitando as diferenças e semelhanças.

A educação de adultos oferece aos aprendizes adultos uma oportunidade essencial de utilização de todas as instituições culturais... O respeito pelos indivíduos, por sua cultura e por sua comunidade é o fundamento do diálogo e da instauração de um clima de confiança, bem como de uma educação e de uma formação pertinentes e duradouras. (CONFINTEA V; p. 49).

O professor de EJA deve estar atento as curiosidades e dificuldades dos alunos, procurando conhecer a comunidade em que estão inseridos, dialogando com cada um, pois dessa forma através do diálogo descobrirá quais os medos e anseios do alunado e assim poderá agir de forma coerente, para dá uma boa aula, ajudando-os a vencer esses medos e fazendo com que eles permaneçam na sala de aula, buscando sempre o melhor para si e para os outros.

Nesse caso, o professor, portanto, entende-se como o mediador, se colocando no meio entre o processo educativo e o educando. O que, todavia,

poderia ser visto como uma barreira do processo. Segundo Sponholz (2003), mediação em educação tem o sentido de ficar no meio para que possa mais facilmente perceber as necessidades de cada parte e assim interagir de maneira a manter o equilíbrio entre as partes. Portanto, ficar entre as extremidades não deve ser encarado pelo professor como apenas uma ponte que faz a ligação entre as mesmas, mas sim algo que realize um feedback para a construção de um saber sólido e de qualidade.

Para que consigamos consolidar o processo educativo, é importante percebermos a educação como um processo dinâmico, o qual realmente é. E, para que aconteça uma verdadeira educação, é necessário que a mesma faça sentido tanto para quem transmite quanto para quem recebe, acontecendo uma maior interação entre os agentes, permitindo aos educandos, assumirem um papel participativo, construindo uma educação significativa através da participação de todos.

Para corroborar com essas contextualizações supracitadas, vale ponderar o quanto a aprendizagem significativa direciona e valida o aprendizado no EJA. A aprendizagem significativa pressupõe considerar o que o sujeito já sabe, isto é, as ideias ou conceitos prévios. A partir destas, algumas de senso comum, outras mais próximas da cultura científica, o docente pode trabalhar questionando e problematizando esta cultura primeira, tornando a aprendizagem de seus alunos mais significativa. Na teoria de Ausubel, a nova informação se ancora nos conhecimentos que o sujeito já possui, de forma a se tornar parte integrante de sua estrutura cognitiva. Este conhecimento que o aprendiz já possui é denominado subsunçor. Nesse sentido, para Ausubel o conhecimento prévio (que já existe em sua estrutura cognitiva) é a variável fundamental para a ocorrência da aprendizagem significativa.

Para proporcionar uma aprendizagem significativa é essencial que se levem em consideração estes aspectos: os interesses dos educandos que, conseqüentemente, determinariam sua pré-disposição em aprender; os conceitos e ideias prévias, que já possuem acerca do conceito energia, devem servir de base para a intervenção, seja em sua evolução com a progressiva diferenciação e aprofundamento; e a construção de um material que potencialmente possa proporcionar uma evolução conceitual. Moreira (1998) aponta:

A aprendizagem é dita significativa quando uma nova informação (conceito, ideia, proposição) adquire significados para o aprendiz através de uma espécie de ancoragem em aspectos relevantes da estrutura cognitiva preexistente do indivíduo, isto é, em conceitos, ideias, proposições já existentes em sua estrutura de conhecimentos (ou de significados) com determinado grau de clareza, estabilidade e diferenciação. Esses aspectos relevantes da estrutura cognitiva que servem de ancoradouro para a nova informação são chamados “subsunoços”. [...] À medida que o conhecimento prévio serve de base para a atribuição de significados à nova informação, ele também se modifica. (Moreira, 1998, p.5, grifo nosso).

Aprender é um processo complexo que envolve inúmeros fatores, como o material ser potencialmente significativo, o querer aprender dos alunos sobre o que é proposto e uma estrutura cognitiva adequada ao nível de dificuldade. Na aprendizagem significativa, a nova informação relaciona-se com um aspecto relevante da estrutura cognitiva do sujeito. Este é denominado de “subsunçor”, no qual, as novas informações são ancoradas, refletindo uma relação de subordinação do novo material com a estrutura cognitiva préexistente. Pozo (1998) esclarece que não basta o material ser potencialmente significativo se os estudantes não veem um motivo para aprender determinado conceito. É necessária a pré-disposição para a aprendizagem, compreender requer um esforço de querer aprender. Associada a esta teoria da aprendizagem, a investigação de interesses e temáticas na EJA é uma importante aliada já que pode trazer maior significado pelos alunos ao que é estudado em aula, quando se considera as necessidades e anseios deste público. Pressupõe-se que esse contexto é distinto em cada escola, pois os estudantes da EJA são bastante heterogêneos.

Katarina Tomasevski (2004), no artigo “Formação e práticas na educação de jovens e adultos” de Roberto Catelli Junior, explicita que a educação, no campo dos direitos, funciona como um multiplicador, pois quando se garante o direito à educação formação ocorre o fortalecimento de outros direitos e quando se nega o direito à educação se priva as pessoas de muitos direitos e liberdades. Neste contexto, a criação de propostas pedagógicas precisam também ter como foco a defesa dos direitos humanos, tendo como perspectiva o diálogo acerca do enfrentamento das questões efetivamente relacionadas com as práticas sociais dos cidadãos.

Em relação às estratégias de ensino-aprendizagem, a utilização de aulas expositivas não é contrária aos pressupostos construtivistas e cognitivistas. Como forma de sistematização do conhecimento ela é muitas vezes necessária podendo utilizar recursos como quadro/giz ou como forma alternativa apresentação em slides. Sobre este aspecto Jesuína e Scarinci (2010) consideraram que um ensino embasado apenas atividades de discussão/investigação correria o risco dos estudantes não atingirem significativamente os conceitos científicos proporcionados, em partes, pela sistematização do conhecimento. Na pesquisa realizada no CIEP Padre Paulo Correia de Sá quando perguntamos os docentes e docentes qual era a maior dificuldade encontrada pelos professores da EJA obtemos o seguinte resultado :



Além da estrutura cognitiva e do material com potencial significado, para que ocorra de fato uma aprendizagem significativa, é necessário considerar o que o sujeito deseja aprender. O estabelecimento de conexões entre o novo conhecimento e sua cultura prévia é o início da construção de significados pessoais, transformando o conhecimento em uma aprendizagem significativa (Tavares, 2008). Para facilitar a aprendizagem significativa dos estudantes, o professor deve fazer uma análise conceitual do conteúdo a ser trabalhado, buscando a melhor maneira de relacioná-lo explicitamente aos aspectos relevantes na estrutura cognitiva do aprendiz, fazendo uma análise crítica baseada no conhecimento que tem do aprendiz (Moreira, 2011).

Uma ferramenta visual que pode auxiliar na organização do conhecimento, tanto pelo aluno quando escreve os conceitos e suas relações, quanto pelo professor quando deseja elaborar uma atividade didática de forma lógica, são os mapas conceituais. Para Novak e Cañas (2010), estes devem ser elaborados a partir de questões que devem ser respondidas, estando ligados a uma situação que se

deseja compreender. Por meio da organização do conhecimento, representado pelos conceitos e as frases de ligação, bem como a hierarquia estabelecida no instrumento, é possível trazer um significado maior para os conteúdos escolares.

Em uma entrevista realizada com a coordenadora do PEJA Eliana Câmara foi perguntado se havia algum aluno incluído e a mesma confirmou que teria uma aluna com autismo e outros alunos em investigação, embora a aluna autista consiga acompanhar o conteúdo programático sem adaptações a mesma tem uma grande dificuldade em socializar com a classe tendo em vista que o município do Rio de Janeiro não disponibiliza mediadores para esses alunos a coordenadora aponta a dificuldades do docente de dar uma atenção especial a essa aluna pois as salas tem em média 25 alunos.

Em relação à utilização de mapas conceituais como instrumentos avaliativos é necessário salientar que não se deve avaliar se ele está certo ou errado, mas se existem indícios de aprendizagem significativa e como o aluno está relacionando os conceitos aprendidos (Moreira, 1998). Os mapas conceituais podem servir para avaliar a evolução conceitual do aluno através da organização, escolha de conceitos e sua hierarquização. Porém, para serem corretamente utilizados deve ser sistematicamente trabalhados nas aulas de várias disciplinas, funcionando também como instrumento para estabelecer relações entre os diversos campos do conhecimento relacionados com determinado conceito/tema (Yano e Amaral, 2011). Assim, os mapas conceituais podem estimular uma abordagem interdisciplinar como atitude tanto do professor que prepara suas intervenções didáticas, pesquisando os conhecimentos necessários para a compreensão de temas, como dos estudantes que conseguem visualizar de forma global e ampla as relações estabelecidas entre as diversas ciências sobre um determinado assunto da aula.

O ensinar deve considerar o contexto físico, social e pessoal. A atribuição de significados e utilização de conceitos deve servir para uma melhor compreensão da realidade, segundo Vygotsky. A partir do contexto, devem ser planejadas as metodologias de ensino adequando as estratégias com os conteúdos, públicos e situações vivenciadas. As dificuldades dos alunos devem ser consideradas, seus problemas locais e reais com a utilização de questões e experiências cotidianas.

Devem-se conhecer as ideias prévias, isto é, o que o estudante já sabe sobre determinado tema para, a partir destes, interagir com os novos conhecimentos de

modo a proporcionar uma aprendizagem significativa. A avaliação como processo deve estar inerente à prática, sendo contínua e não classificatória. Devem-se buscar indícios de que o aluno evoluiu conceitualmente, não meramente substituindo seus conceitos, mas a partir da interação cognitiva com os esquemas prévios, que funcionam como âncoras, e novos conhecimentos que estabelecem uma aprendizagem significativa que pressupõe: um material que possibilite potencialmente a evolução significativa dos conceitos; uma estrutura cognitiva existente e a pré-disposição do aluno querer aprender determinado tema. Isto requer motivação tanto dos estudantes como dos professores. Estes últimos devem refletir sobre suas estratégias de ensino na prática diária em sala de aula. Aprender e ensinar, num sentido mais amplo, envolve profundas interações e reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento dessa pesquisa foi observado historicamente a deficiência no oferecimento da Educação de Jovens e Adultos. Sustentada em dados oficiais e fontes documentais e bibliográficas proposta do presente trabalho foi apurar as causas dos grandes desafios que os docentes enfrentam na sala de aula. O tema elencado não só busca apresentar seu caminho para conduzir seu fazer pedagógico como também propõe uma dinâmica nas suas ações. Ao questionar o que pode ser feito e quais os resultados podem ser esperados e quais medidas a serem tomadas na EJA.

Configurando-se a formatação da Educação de Jovens e Adultos no Brasil podemos chegar a conclusão que os alunos do EJA são marginalizados, sofrem preconceito, vergonha, críticas e tais problemáticas estão presentes tanto na vida em comunidade como na família. Através da pesquisa de campo que foi feita com os alunos do EJA, chegamos à conclusão do que pode se fazer para melhorar o ensino dos alunos que são: a acessibilidade, acesso à cultura e lazer voltado para a realidade do aluno, manutenção do espaço escolar e matérias adaptados para os alunos, currículo contextualizado e atualizado

Sendo assim, pode-se concluir com essa análise a preocupação dos alunos e do corpo docente do CIEP Padre Paulo Correia de Sá, a falta de alunos no EJA por falta de divulgação da modalidade. Segundo depoimentos dos alunos, é

muito triste ver a sala vazia, com Professores esforçados, preocupados, disponíveis e com muita amor para ensinar, a escola tem estrutura, merenda, material, educadores disponíveis. Só falta alunos, para desfrutar dos benefícios que por muitas vezes não frequenta a escola pela distância encontrada de sua residência até a instituição de ensino

A pesquisa serve como norteadores de estudos futuros, com informações apuradas, refletindo nas necessidades de aprofundamento do tema

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes, 2004

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

BARBOSA, Caio Magalhães et al. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA EJA: UTILIZANDO A METODOLOGIA DE RESOLUÇÕES DE PROBLEMAS. **EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E SOCIEDADE EM PESQUISA**, v. 1, n. 1, p. 31-45, 2023.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 05 de outubro de 1988. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 01 set. 2018

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 03 set 2018.

CATELLI JR, Roberto et al. *Formação e práticas na educação de jovens e adultos*. **São Paulo**, 2017.

CNE. Parecer n. 11/2000. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: Câmara de Educação Básica/Conselho Nacional de Educação, maio 2000.

DA SILVA LEITE, Sérgio Antônio. **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA**. Cortez Editora, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. **Rio de Janeiro: Paz e Terra**, v. 19897, 2022.

GOMES, André Taschetto; GARCIA, Isabel Krey. Aprendizagem significativa na EJA: uma análise da evolução conceitual a partir de uma intervenção didática com a temática energia. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 19, n. 2, p. 289-321, 2014.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, maio-ago 2000, p.108-130. SAMPAIO

MATOS, Ana Paula Vieira et al. Compreendendo a presença de jovens na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e sua relação com a indisciplina. 2011.

SANTOS, Deyseane Santana dos; AZEVEDO, Grace Mary Nunes de; DANTAS, Maria de Fatima Vasconcelis. Continuar a aprender: entre o desafio e a realidade da EJA nos dias atuais. 2013.

SOUZA FILHO, Alcides Alves de; CASSOL, Atenuza Pires; AMORIM, Antonio. Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, p. 718-737, 2021.